



DAVI

REI SEGUNDO O CORAÇÃO DE DEUS

Introdução

A figura do rei Davi ocupa um lugar importante na história da salvação. Pastor e guerreiro, poeta e governante, ele personifica a união entre a força humana e a ternura de quem busca a vontade de Deus. Sua vida marca o apogeu do Povo de Israel e inaugura a linhagem messiânica que culminará em Cristo. Em Davi, o poder é purificado pela fé, e o pecado, transformado em arrependimento. É nele que a humanidade aprende o sentido mais profundo de ser “segundo o coração de Deus”.

Ele reinou de 1010 a 971 a.C. A história de Davi é uma das mais bem documentadas. Na opinião do estudioso Sicre Díaz, “no seu conjunto, estamos diante das melhores páginas narrativas da Bíblia”, podendo distinguir a história da ascensão de Davi ao trono (1Sm 16 – 2Sm 7) e a história da sua sucessão (2Sm 9-20; 1Rs 1-2). Sua história pode ser analisada de distintos pontos de vista: literário, político e teológico.

1. Recordando: instabilidade político-social após a morte de Saul

Com a morte trágica de Saul no monte Gelboé, Israel mergulhou num período de instabilidade. As tribos se dividiram: ao norte, as dez tribos reconheceram o governo de Isbaal, filho de Saul (cf. 2Sm 2,8ss); ao sul, a tribo de Judá proclamou

Davi como seu rei em Hebron (cf. 2Sm 2,4). Durante cerca de sete anos coexistiram dois governos distintos e houve uma guerra prolongada entre a Casa de Davi e a Casa de Saul, que seguia Isbaal (cf. 2Sam 3,1) até que Isbaal foi assassinado. Só então as tribos do norte convidaram Davi a reinar sobre todo o Israel (cf. 2Sm 5,1-5). A partir desse momento, as Escrituras passam a referir-se ao “Reino de Israel e Judá” como uma unidade simbólica de duas coroas: expressão da aliança entre o norte e o sul que permaneceria mesmo sob o reinado glorioso de Salomão.

⇒ “A lição mais importante da história da ascensão de Davi ao trono é a relação entre política e teologia ou entre Deus e a história. Nesses capítulos, que podem parecer um tanto parciais, vai ficando clara (ou intuímos) uma imagem de Deus. A do Deus que se compromete com o homem até as últimas consequências, apesar de todas as suas falhas e pecados, e de suas constantes manipulações. Para exaltar Davi e destruir Saul, o autor não duvida em introduzir Deus sempre que o acha conveniente. Temos a impressão de que o colocou a serviço dos vencedores. E Deus se deixou manipular, para misteriosamente realizar seus planos mais adiante. Dentro de uma concepção ateia da história, o que acabamos de dizer não tem nenhum sentido. Um historiador veria aqui uma simples manipulação política da ideia de Deus, baseada nos interesses do autor e na ingenuidade dos leitores. O cristão não pode interpretar os fatos desta forma. Ainda que admita todas as manipulações possíveis, deve descobrir por trás dos acontecimentos a mão desse Deus que conduz a história até sua manifestação plena em Jesus Cristo. A história de Davi se converte, assim, num caso típico de reflexão sobre as relações entre Deus e o nosso mundo e nossa história, para alimentar a fé e a esperança no meio de acontecimentos que parecem ocultar a face de Deus. Ao lado dessa mensagem, o autor quis também transmitir outras ideias capitais dentro da teologia bíblica: Deus escolhe o pequeno, o menor dos filhos de Jessé (cf. 1Sm 16,1-14); Deus salva com o pequeno, como acontece no combate a Golias (cf. 1Sm 17); Deus guia e protege; a vingança é de Deus.” (cf. Sicre Díaz, *Introdução ao Antigo Testamento*, pág. 225-226).

2. O pastor que se tornou Rei

Davi é uma das figuras mais multifacetadas da Bíblia. Surgiu como pastor de ovelhas, homem simples e contemplativo; tornou-se herói nacional ao derrotar Golias; foi também guerreiro astuto, poeta inspirado, e finalmente o rei político

que unificou o povo e estabeleceu um reinado regional. Ele era um jovem da Casa de Jessé, o menor dos irmãos, praticamente desconhecido e desconsiderado, que o Senhor elevou, malgrado a estatura e a força de seus irmãos. Sobre a escolha de Davi, diz São Jerônimo

⇒ “Ele [Samuel] entra em Belém e pensa que cada um dos filhos de Jessé é aquele que o Senhor procura. Ao ver Eliab, disse: ‘Certamente, diante do Senhor, é este o seu ungido’. Mas o Senhor disse a Samuel: ‘Não olhes seu aspecto, nem sua grande estatura pois eu o recusei. O Senhor não vê como o homem: o homem vê a aparência, o Senhor vê o coração’ [1Sm 16,7]. Desta forma, Samuel se engana em cada um, em cada um ele tem que se retificar, e aparece a fraqueza da mente humana.”: Jerônimo, *Diálogo contra os pelagianos*, 1,39.

Davi foi ungido rei três vezes:

- a) a primeira, por Samuel, ainda jovem, em Belém (cf. 1Sm 16,13);
- b) depois, como rei de Judá (2Sm 2,4);
- c) e, finalmente, como rei de todo Israel (2Sm 5,3).

Sua vocação foi confirmada em etapas, até atingir a plenitude do desígnio de Deus. Seu primeiro grande ato como rei de todo Israel foi conquistar a cidade de Jebus, dos jebuseus, por volta de 1000 a.C. (cf. 2Sm 5,6-10). Situada entre as duas regiões do reino, Davi a transformou em capital neutra e símbolo de unidade. Chamou-a “Cidade de Davi”, a atual Jerusalém, que se tornaria não apenas o centro administrativo, mas também o coração espiritual de Israel (cf. 2Sm 6).

Com sabedoria e habilidade política, Davi consolidou um Estado até então frágil, ampliou as fronteiras e fez de Israel uma potência regional. Sob seu comando, o país conheceu estabilidade, prosperidade e prestígio internacional. Em sua vida vemos refletido o mesmo ciclo que percorreu toda a história de Israel: queda, correção divina, arrependimento e restauração.

3. O pecado e o arrependimento

Homem profundamente religioso, Davi também experimentou o peso do pecado. O episódio do adultério com Betsabeia e o assassinato de Urias, seu marido, manchou a trajetória do rei (cf. 2Sm 11). Confrontado pelo profeta Natã, Davi reconheceu sua culpa e chorou amargamente. Dessa dor nasceu o Salmo 51(50), confissão de arrependimento e confiança no perdão divino: “Tem piedade de mim ó Deus, segundo a tua misericórdia... eu reconheço a minha iniquidade...”. A resposta de Deus foi misericordiosa: embora castigado, Davi foi perdoado e recebeu como filho da promessa Salomão, fruto da mesma união marcada pelo pecado (cf. 2Sm 12,24-25).

Davi não foi um homem sem falhas, mas alguém que soube submeter-se a Deus e deixar-se corrigir. Por isso é chamado de “homem segundo o coração de Deus” (cf. 1Sm 13,14). Sua grandeza não reside na perfeição moral, mas na humildade em reconhecer a sua pequenez e a soberania divina.

Diz Santo Agostinho:

⇒ “Visto que Deus previa, por um lado, que Davi iria pecar e, por outro, que iria perdoar seus pecados por causa de uma piedosa humildade e sincera penitência, por que não diria ‘encontrei Davi segundo o meu coração’, que vivia com tanta piedade e oferecia pelo seu pecado o sacrifício de um espírito contrito? Por tudo isso, o Senhor pôde dizer com toda a verdade: ‘Encontrei Davi segundo o meu coração’. Porque, embora o pecado de Davi não fosse segundo o coração de Deus, no entanto, foi segundo o coração de Deus, somente isto: que Deus não lhe imputou a culpa.”: Agostinho, *Resposta às oito perguntas de Dulcitio*, 5,1-2.

4. A linhagem messiânica

Quando desejou construir um Templo para o Senhor (cf. 2Sm 7), Davi recebeu uma revelação surpreendente. Deus não lhe permitiria erguer uma casa material, mas prometeu construir-Lhe uma “casa espiritual”, isto é, uma linhagem real perene: “O Senhor te fará uma casa, e o teu trono será firme para sempre” (2Sm 7,11-16). Esta é a Aliança Davídica, momento importante da história bíblica, em que a promessa feita a Abraão (todas as nações seriam abençoadas) encontra nova expressão: agora, por meio da descendência real de Davi.

O trono de Davi tornou-se símbolo da esperança messiânica. Mesmo quando seus descendentes se afastaram da Lei, a fidelidade de Deus permaneceu. A promessa não depende da justiça de cada rei, mas da fidelidade de Deus ao seu plano. Assim, a monarquia davídica se tornou o fio condutor da história da salvação, apontando para um Rei Eterno, cuja realeza não terá fim.

Nos séculos seguintes, os profetas retomaram essa promessa, especialmente Isaías, que falou do “rebento do tronco de Jessé” (Is 11,1). Esse rebento, descendente de Davi, foi identificado na plenitude dos tempos com o próprio Cristo, o “Filho de Davi”.

Síntese espiritual

Davi é ao mesmo tempo guerreiro e poeta, pecador e penitente, rei e servo. Sua história é um espelho da alma humana diante de Deus: grande nas conquistas, fraco nas tentações, mas capaz de se levantar pela graça. No jovem pastor que canta ao som da harpa, no rei que dança diante da Arca, e no homem que chora seu pecado, o povo de Deus reconhece o retrato da verdadeira conversão: o coração que sabe amar e pedir perdão.

Davi unificou o povo, santificou Jerusalém, preparou o templo, inspirou os salmos, e deu à humanidade o modelo de rei justo e fiel. Sua memória atravessa a história de Israel como o arquétipo do governante segundo o coração divino e como o elo que liga a Antiga Aliança à Nova.

Prof. Dr. Pe. Marcelo Cervi

BIBLIOGRAFIA:

Bíblia de Jerusalém, São Paulo, Paulus, 2002.

Bíblia Sagrada. Tradução oficial da CNBB, 6ª ed. (2024), Brasília, CNBB, 2025.

Bíblia Sagrada Ave Maria. Edição de Estudos, 3ª ed., São Paulo, Ave Maria, 2012.

Bíblia. Palavra viva, São Paulo, Paulus, 2022.

A Bíblia, São Paulo, Paulinas, 2023.

Bíblia do Peregrino, São Paulo, Paulus, 2002.

Bíblia. Tradução ecumênica, São Paulo, Loyola, 1994.

Nova Vulgata. Bibliorum sacrorum editio, Editio typica altera, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1998.

AAVV, *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, São Paulo, Loyola – Paulinas – Paulus – Academia Cristã, 2013.

AAVV, *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia*. Vol. 4: *Josué – Jueces – Rut – 1-2 Samuel*. Madrid, Ciudad Nueva, 2005.

DONNER, H., *História de Israel e dos povos vizinhos*. v.1: Dos primórdios até a formação do Estado. São Leopoldo, Sinodal, 1997.

GIL, J. – DOMÍNGUEZ, J., *Pórtico da Bíblia. Recursos didáticos para compreender a Bíblia: cronologias, mapas e gráficos de cada livro*, Jerusalém, Saxum, 2024.

HARRINGTON, W., *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização*, 7ª ed., São Paulo, Paulus, 2004.

KONINGS, J., *A Bíblia, sua origem e sua leitura. Introdução ao estudo da Bíblia*, 8ª reimp., Petrópolis, Vozes, 2024.

LIVERANI, M., *Para Além da Bíblia: História antiga de Israel*, São Paulo, Paulus - Loyola, 2008.

MEDEIROS, J.M., *Panorama da História da Bíblia*, 8ª ed., São Paulo, Paulus, 2003.

REINKE, A.D., *Aqueles da Bíblia: história, fé e cultura do povo bíblico de Israel e sua atuação no plano divino*, Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2021.

SICRE DÍAZ, J.L., *Introdução ao Antigo Testamento*, 4ª ed., Petrópolis, Vozes, 2024.

VAUX, R., *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, São Paulo, Teológica, 2003.

VON RAD, G., *Teologia do Antigo Testamento*. Vol.1, 2ª ed., Trad. Francisco Catão, São Paulo, Aste-Targumin, 2006.